



Salomão ben Iehudá ibn Gabirol: inspiração da Idade de Ouro na Península Ibérica

Salomão ben Iehudá ibn Gabirol: Inspiration from the Golden Age of the Iberian Peninsula

Sofia Débora Levy*

Rio de Janeiro, Brasil

sofiadebora@hotmail.com

Resumo: Salomão ben Iehudá ibn Gabirol foi uma das figuras de grande destaque da Idade de Ouro dos judeus na Península Ibérica, entre os séculos X e XII da era comum. Suas contribuições refletem a influência da cultura grega e as trocas culturais com os árabes, num período de convivência pacífica e profícua entre esses dois povos e com os cristãos. Neste artigo, analisamos algumas de suas principais contribuições, à luz do contexto sócio-histórico da época, e como seu pensamento, avante no tempo, influenciou outros pensadores e ainda contribui para as reflexões sobre o homem e o mundo circundante mesmo nos dias de hoje.

Palavras-chave: Ibn Gabirol, Idade de Ouro, Península Ibérica.

Abstract: Solomon ben Yehudah ibn Gabirol was one of the most prominent figures of the Golden Age of the Jews in the Iberian Peninsula, between the 10th and 11th centuries of the common era. His contributions reflect the influence of Greek culture and cultural exchanges with the Arabs, during a period of peaceful and fruitful coexistence between these two peoples and also with Christians. In this article, we will examine some of his main contributions in light of the socio-historical context of the time, and how his thought, forward in time, influenced other intellectuals and still contributes to metaphysical reflections on man and the surrounding world even today.

Keywords: Ibn Gabirol, Golden Age, Iberian Peninsula.

Introdução

Durante a Idade Média, a Península Ibérica serviu de ponto de encontro entre as civilizações cristã e muçulmana, fundindo o que de melhor havia nessas duas culturas, para o que a população judaica local também muito contribuiu para o engrandecimento dessa região, tornando-a a mais avançada do mundo entre os séculos X e XII. A tal ponto chegou que este período é conhecido na história judaica como a “Idade de Ouro”.

Assim, apesar de comumente aludida como o período das trevas, para a cultura

* Escritora, pesquisadora e Doutora em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Diretora do Memorial às Vítimas do Holocausto (Rio de Janeiro).



judaica da Península Ibérica, a Idade Média foi um período de grande desenvolvimento cultural.

Durante os três séculos de duração da Alta Idade Média, a estrutura social de Al-Andaluz era composta por uma sociedade mista hispano-árabe. O cume da sociedade andaluz era ocupado por um conjunto de famílias árabes e assírias que trouxeram toda a sua bagagem cultural do oriente. Os judeus se beneficiaram da política da ampla tolerância dos emires e califas cordobeses. As condições sociais e econômicas favoráveis, aliadas à tolerância religiosa e à efervescência intelectual que caracterizaram esse período, permitiram aos judeus avançar em todos os campos do conhecimento, além de desenvolver padrões comunitários próprios e vigorosos.

Sob o califado de Córdoba, por volta de 750 e 1030, o judaísmo alcançou uma verdadeira idade de ouro. É assim que surgem personagens como Avicebron ou Salomão Ibn Gabirol, como é seu nome hebreu. Suas andanças pela região ilustram a liberdade de criação e a facilidade de movimentação na Espanha durante esses tempos.¹

Ibn Gabirol é um dos maiores nomes da poesia e filosofia judaica da Idade Média, sendo conhecido como o “Platão judeu”. Ele foi o primeiro judeu a tratar de Filosofia na Espanha, seus livros eram destinados a uma minoria culta, familiarizada com os termos filosóficos gregos e árabes. As reflexões de Ibn Gabirol contribuíram para colocar a religião num nível mais alto, tornando-a aceitável para a intelectualidade refinada, que se preocupava com esses problemas. Mas esse seu estilo filosófico nem sempre agradava aos judeus mais sensíveis à tradição, trazendo conflitos com esses setores mais tradicionais. Mesmo assim, o estudo da filosofia e sua aplicação à religião, que apaixonava as mentes mais esclarecidas do período, tornou-se um traço característico da cultura judaica na Espanha, renovando o pensamento judaico da época.²

Assim, Ibn Gabirol protagoniza no judaísmo a figura de um dos pensadores medievais que procuravam responder ao problema fundamental da filosofia da Idade Média: a criação do mundo e as normas éticas para a conduta humana teriam sido ditadas por Deus, conforme preconiza o monoteísmo judaico, ou essas questões deveriam ser respondidas de maneira puramente racional, conforme os grandes pensadores gregos como Platão e Aristóteles apresentavam, já que sua cultura não era monoteísta? Numa tentativa de alicerçar o pensamento religioso com a razão, Ibn Gabirol irá apresentar um pensamento lógico, racionalizado, mesmo acerca de questões do judaísmo, mantendo o estilo de raciocínio tipicamente grego, em especial platônico, na forma de diálogos.

¹ Ben Ytzchak, 2005.

² Berezin, 1982.



Contexto sócio-histórico

O contato entre judeus e árabes mostrou-se particularmente fecundo para a literatura hebraica na península ibérica. Aí, entre 900 e 1200, uma rica efusão cultural, que abrangeu os principais domínios da vida espiritual da época, se constituiu numa verdadeira Idade de Ouro da criação literária judaica. Filosofia, teologia, poesia, filologia, ciências médicas, matemática, astronomia, exegese bíblica e talmúdica, crônica histórica encontraram então representantes excepcionais.³ O fato de não existir entre os árabes um clero que monopolizasse o saber, como ocorria na Europa cristã, permitiu que membros das três religiões participassem do debate intelectual em diversas áreas do conhecimento.

A tradução de textos clássicos da civilização grega, promovida pelos árabes no intuito de conhecer o que os antigos haviam pensado, foi um fator importantíssimo para o desenvolvimento cultural, trazendo para as classes educadas a ciência e a filosofia gregas.⁴

A rentabilidade da agricultura e do comércio garantia a quase todos, árabes e judeus, um nível de vida satisfatório e, sem dúvida, superior ao das demais comunidades europeias. As profissões liberais, especialmente as medicina, forneciam um meio de rápida ascensão social, pois médicos competentes muitas vezes obtinham postos junto ao califa e a altos funcionários muçulmanos. A população judaica era considerável, tendo a comunidade de Toledo chegado a atingir cerca de 12 mil pessoas.

Assim, enquanto no Leste as crises políticas e sociais tornavam difícil a manutenção de um alto nível de erudição, nas terras do Ocidente ia-se estabelecendo um centro autônomo de estudos, favorecido por condições econômicas e políticas mais tranquilas.⁵

No período do califado de Córdoba, alguns judeus chegaram a ocupar postos importantes no governo, dentre os quais se destaca Hasdai ibn Shaprut, que viveu no século X. Médico e diplomata, tinha notável conhecimento do latim, o que o auxiliou na execução de delicadas missões junto aos reis cristãos do norte da Espanha. Foi médico da corte do grande califa omeiade Abd al-Rahman (912-961) e durante esse reinado Ibn Shaprut trouxe muitos eruditos judeus para Córdoba, entre poetas, filósofos cientistas, o que levou a cidade a se tornar o principal centro de cultura judaica no mundo.

A relação que a educada comunidade judaica estabeleceu com os califas liberais relembra a idade de Ciro e trouxe para a

³ Guinsburg, 1977.

⁴ Berezin, 1982.

⁵ Berezin, 1982.



judiaria espanhola uma maneira de viver agradável, produtiva e satisfatória que os judeus não estavam talvez destinados a encontrar em qualquer outra parte até o século dezenove.⁶

Ibn Shaprut criou a primeira academia talmúdica do país, em Córdoba, dirigida por Moshé bar Hanokh, vindo da Babilônia. A proteção oferecida por Hasdai ibn Shaprut a poetas e gramáticos ajudou a desenvolver um novo estilo de poesia hebraica: a “poesia cortesã”. Os poetas eram verdadeiros funcionários, tendo por tarefa escrever poemas para as ocasiões importantes, como uma vitória militar ou a morte de algum judeu de renome. Embora o conteúdo destes poemas seja frequentemente pouco significativo, a forma esmerada em que eram escritos contribuiu para desenvolver um novo tipo de versificação hebraica, mais polido e preciso do que o tradicional.⁷

Com a fragmentação da Península, devido às guerras entre os árabes e os berberes, e a expansão do domínio cristão nessas terras, pouco a pouco a população judaica foi se transferindo para o controle da Espanha cristã, aonde a sua posição vai se tornando mais difícil. Apesar disso, os estudos filológicos da língua hebraica avançam e, a exemplo dos gramáticos árabes, surge um tratamento sistemático e mais científico dos problemas da linguística hebraica. De particular importância é, nesse campo, a contribuição de Iehudá Haiuj (séculos X-XI), discípulo de Menahem ben Saruk de Tortosa (c. 910-c. 970), que descobriu a lei da composição trilinear dos radicais hebraicos, fato decisivo para o ordenamento das conjugações verbais. Menahem ben Saruk “além de versos de louvor e elegíacos, escreveu o *Machberet* (Cadernos), o mais antigo dicionário hebraico-hebraico, fazendo escola nos estudos lexicográficos”.⁸

Salomão ben Iehudá ibn Gabirol, conhecido por seu nome latino de Avicbron, foi uma das figuras marcantes dessa época áurea do espírito sefaradita, pois

não só deu ao pensamento judeu uma das mais consequentes exposições de metafísica neoplatônica, a famosa *Fons Vitae* (*Mekor Haim*, tradução hebraica de um original árabe) que muito influenciou a Escolástica cristã do medievo, mas também produziu uma lírica profana e religiosa (como a célebre *Keter Malkhut*, “Coroa da Realeza”) que, pela pujança da imagística e força da linguagem, pela sábia integração da metrificacão árabe e da rima sistemática, só vai encontrar paralelo na poesia de um Moisés ibn Ezra ou de um Iehudá há-Levi.⁹

⁶ Johnson, 1995, p. 186.

⁷ Berezin, 1982.

⁸ Guinsburg, 1977, p. 50-51.

⁹ Guinsburg, 1977, p. 51-52.



Dados biográficos

Salomão ben Iehudá ibn Gabirol nasceu em Málaga por volta de 1020 e faleceu por volta de 1058 em Valência, aos trinta e poucos anos, em consequência de uma consunção pulmonar contraída na mocidade.¹⁰ Ainda criança emigrou para Zaragoza, onde se formou nas culturas árabe e hebraica. Foi astrólogo, filósofo e poeta.

Sua vida parece ter sido marcada por uma sucessão de acontecimentos infelizes. Ficou órfão muito cedo e por isso ficou sob os cuidados de um mecenas judeu chamado Iktiel ibn Hassan, que era um funcionário importante do governo de Zaragoza (Ben Ytzchak, 2005). Ibn Hassan, por sua vez, morreu assassinado e isso sensibilizou profundamente Ibn Gabirol.

Após a morte de seu mecenas Iktiel, Ibn Gabirol passou a errar por toda a Espanha, em difíceis condições, tendo assim viajado por toda a península. Viveu em Granada, e acabou se sobressaindo entre os filósofos judeus que fundaram sua própria escola em Córdoba.¹¹

Além de Ibn Hassan, Samuel ibn Nagrela ha-Naguid (993-1056), estadista e poeta da Espanha moura, vizir dos Taifas de Granada, também foi mecenas de Ibn Gabirol, tendo-lhe dado proteção por algum tempo (Guinsburg, 1968; Berezin, 1982). Ibn Gabirol foi preceptor de Yossef, filho de Ibn Nagrela. Mas a relação entre Gabirol e Nagrela era conflituosa, chegando a confrontos pessoais, fosse pela rivalidade poética entre ambos, fosse pela personalidade de Gabirol.

Vale ressaltar que os escolásticos conheciam a obra de Avicébron, mas não o identificavam com Ibn Gabirol. Somente em 1846 o pesquisador Salomão Munk conseguiu identificá-lo como tal.

Principais contribuições

Salomão Ibn Gabirol foi filósofo, moralista e poeta. Como filósofo, foi o restaurador do neoplatonismo. Ele desempenha, na cultura ocidental, papel análogo ao que fora desempenhado por Filo, o judeu, na cultura oriental, que “orientalizara a filosofia europeia, preparando o caminho para a sua cristianização. Mil anos depois, Gabirol ocidentalizava a filosofia Greco-árabe, restaurando-a na Europa”¹².

Ibn Gabirol não é teólogo, mas filósofo, e sua especulação filosófica é baseada na razão, não citando versículos da Bíblia nem do *Talmud*. No entanto, comenta-os racionalmente, conforme ilustrado em “O sonho de Jacó”, parte de seu trabalho

¹⁰ Guinsburg, 1968.

¹¹ Ben Ytzchak, 2005.

¹² The Jewish Encyclopedia citado por Guinsburg; Ortiz, 1948, p. 52.



Comentário sobre o Gênesis, elencado na *Antologia Judaica* de Guinsburg e Ortiz.¹³

A escada cuja base está na terra e cujo cimo atinge o céu (Gen. 28), é a alma superior (racional). Os anjos que sobem e descem são os pensamentos cujos objetos são ora coisas espirituais, ora coisas materiais.¹⁴

Como moralista, Ibn Gabirol escreveu um tratado de ética e uma coletânea de máximas, provérbios e reflexões - em grande parte de origem árabe - denominada *Colheita de pérolas*, que foi muito conhecida tanto por árabes quanto por judeus.

Sua obra poética também é extremamente rica, a qual iniciou desde a sua juventude. Ele foi o primeiro a introduzir na poesia hebraica o metro árabe, metro que os poetas do deserto aprenderam com o “ritmo do passo dos camelos”. Seus poemas, litúrgicos ou não, são ricos de expressão religiosa, cheios de elevação mística. Neles, o pessimismo terreno ladeia a glorificação celestial. Ibn Gabirol produziu alguns dos melhores versos profanos e religiosos da cultura hebraica, e muitos dos seus *piutim*¹⁵ foram incorporados à liturgia.¹⁶

Por sua clareza de raciocínio e limpidez na forma de apresentá-lo, e ainda que trazendo grandes questionamentos acerca da vida, de Deus e da realidade circundante, Ibn Gabirol ganhou grande respeito tanto aos olhos de cristãos quanto de árabes.

Como filósofo, Ibn Gabirol desfrutou de grande reputação entre os escolásticos cristãos medievais. Em torno de suas audaciosas teorias acerca da universalidade da matéria e da vontade divina, grandes e acesas controvérsias se desencadearam no mundo cristão, entre Franciscanos e Dominicanos, liderados respectivamente por Duns Scotus e Tomás de Aquino.¹⁷

Segundo o Rabino Meir Ben Ytzchak,¹⁸ a filosofia mística e cosmológica de Ibn Gabirol

¹³ Carlos Ortiz assinala na Introdução à *Antologia judaica* (Guinsburg; Ortiz, 1948) que, na tradução para língua portuguesa dos excertos apresentados nessa obra, na impossibilidade de acesso às fontes originais em árabe, hebraico ou latim, ele e Jacó Guinsburg traduziram de traduções em ídiche, alemão, inglês francês ou espanhol. Assim, neste artigo, os trechos citados são apresentados conforme constam nessa obra consultada, na qual não há indicação específica de qual ou quais fontes serviram de base para a tradução para língua portuguesa de cada trecho.

¹⁴ Ibn Gabirol citado por Guinsburg; Ortiz, 1948, p. 52.

¹⁵ *Piut*, em hebraico, poesia, poema, hino litúrgico; pl. *Piutim* (Berezin, 1995, p.527).

¹⁶ Guinsburg, 1968.

¹⁷ Guinsburg; Ortiz, 1948, p. 51-52.

¹⁸ Ytzchak, 2005, p. 25-26.



tem suas bases nas ideias astrológicas da antiga tradição hebraica, embora se insira na corrente aristotélica e neoplatônica recebida através das traduções feitas pelos árabes. E, como bom neoplatônico, manteve fortes controvérsias com os setores opostos ao pensamento filosófico.

Além de poeta, Ibn Gabirol é um dos primeiros judeus espanhóis a desenvolver o conhecimento típico da Cabala e toda a astrologia cabalística ou esotérica. Dentre suas obras, destacam-se: “*Azharot, reshuiot e gueulot*” e em especial “*Keter Malkut*” (Coroa Real) e o tratado ético “*Tikun Midot Hanefesch*” (Aperfeiçoamento das Qualidades da Alma), composto em 1045. *Mekor Haim, Fons Vitae*, ou Fonte da Vida, é a sua grande obra filosófica; mas, para o judaísmo tradicional, o seu nome ficou ligado ao *Keter Malkut*, um cântico de louvor às grandezas de Deus.

Mekor Haim teve um destino curioso: como Ibn Gabirol não utilizava provas bíblicas para suas afirmações, baseando-se apenas em provas racionais, e como seu livro foi escrito em árabe, como quase todos os textos filosóficos da época, a *Fonte da Vida* não parecia um livro judaico. Seu tradutor latino o atribuiu a um misterioso autor antigo, batizado com o nome de Avicebron. Sob este nome suposto, a obra teve grande popularidade na Europa cristã durante vários séculos, e somente com a descoberta de Samuel Munk, no século XIX, é que se reconheceu que Avicebron trava-se em realidade de Ibn Gabirol.

Alguns trechos ilustrativos

Keter Malkut

Nesse seu trabalho poético mais destacado, Ibn Gabirol expressa muitas de suas ideias filosóficas, por intermédio de uma sutil tessitura poética e em termos de intensa religiosidade judaica. Em *Keter Malkut* (em hebraico, “Coroa Real”), Ibn Gabirol afirma sua profunda convicção monoteísta, tão cara a judeus e muçulmanos:

És único, o princípio de toda a enumeração,
e a base de todo o edifício.
És único e, pelo ministro da tua unidade,
A razão dos sábios fica estupefata,
Porque disso não conhecem nada...
Em efeito, não se concebe em Ti
Nem a multiplicação nem a modificação...
És único. Tua sublimidade e sua transcendência
Não podem diminuir nem descender,
Poderia existir o único que decaia?¹⁹

Outro trecho maior, escrito em versos sob a forma de prosa, apresentamos abaixo, com

¹⁹ Ibn Gabirol citado por Ben Ytzchak, 2005, p. 26.



outra tradução:

Maravilhosa são as tuas obras, e a minha alma o sabe, ó Deus! A ti a grandeza, a pujança, beleza, majestade e eternidade! A ti, ó Deus, o reino de tudo o que se eleva sobre as nossas cabeças, a opulência e a glória!

A ti, as criaturas da terra e as criaturas do céu testemunham que perecerão, mas tu permanecerás!

A ti a força, cujo segredo cansa nossos espíritos débeis demais ante a tua pujança!

A ti, a misericórdia, que opera sobre as tuas criaturas, e a bondade que dedicas aos que te temem!

A ti, a existência, essa luz cuja sombra serviu para criar todos os seres e da qual dizemos: Vivamos à sua sombra!

A ti, os dois mundos, entre os quais fizeste uma fronteira: O primeiro para as obras, o segundo para a recompensa!

Tu és Único, Ponto de partida de todo número base de todo edifício! Tu és Único, e o sábio de coração permanece assustado com o segredo de tua Unidade, porque ninguém sabe o que ela é!

Tu és Único, e tua unidade não diminui nem aumenta. Nada se lhe acrescenta, dela nada se tira.

Tu és Único, não como algo que se possui e que se conta, pois de ti não se concebe crescimento algum, mudança alguma, nenhuma qualidade, nenhum atributo.

Tu és subsistente, e não há ouvido que te ouça, não há olhar que te veja, não há onde, nem como, nem porque, que se possa dizer de ti.

Tu és subsistente, mas em ti mesmo, e nenhum outro contigo. Tu és subsistente, foste antes que o tempo fosse, és sem lugar e enches o espaço!

Tu és subsistente, e o teu segredo, que ninguém sabe, quem o pode atingir? Profundamente profundo, quem lhe toca as entranhas?

Tu és vivo, mas não desde um tempo dado, não desde uma data conhecida, nem por um sopro, nem por uma alma, porque tu és a alma da própria alma.

Tu és vivo, não da vida do homem, parecida com o nada, cujo termo é podridão. Quem souber do teu segredo, beberá delícias eternas, comerá e viverá para sempre!

Tu és grande, acima de toda grandeza, mais alto do que qualquer



louvor! Ante a tua grandeza, toda grandeza é pequenez, toda excelência desfalece!

Tu és luz, e ver-te-ão os olhos da alma pura. Mas ficarás oculto os olhos vendados pela nuvem do pecado. Tu és a luz invisível neste mundo visível, e luz visível do mundo invisível.

Tu és Deus e todo ser é teu servo e adorador. Tua honra não declina ante os que servem a outros que não Tu. Porque todos têm o desejo de chegar a ti. Mas são como cegos. Voltam os olhos para o caminho do Rei, mas perdem os passos fora do caminho. E um cai no fosso de destruição, e o outro cai na cilada, e o seu cansaço é vão.

Mas os teus servos são como os que têm olhos abertos. Caminham na estrada reta, não se desviam à direita nem à esquerda, antes de chegarem ao pátio da Casa do Rei.

Tu és Deus, apoiando as criaturas na tua divindade, sustendo-as com a tua Unidade.

Tu és Deus, e em ti não há diferenças entre a tua Unidade e a tua Divindade, tua Existência e a tua Permanência, pois tudo é um segredo único, cujos nomes distintos formam todos um Nome único.

Tu és sábio, e tua sabedoria, fonte da vida, jorra de ti. E diante de tua sabedoria todo homem é ignorante. Tu és sábio, a nutriz de todo começo, o qual se nutriu da própria sabedoria. Tu és sábio, mas não aprendeste de outrem nem procuraste a sabedoria fora de ti. Tu és sábio, e de tua sabedoria fazes emanar uma vontade premeditada, semelhante ao artista ou artífice, para tirar do nada o existente. E ela faz tudo sem instrumento, como a luz que, saindo do olho, sem cântaro, vai apanhar a luz na própria fonte da luz.

Quem compreende os teus segredos temíveis quando, mais alto que a nona esfera, fizeste subir a esfera do intelecto, o palácio interior, o décimo, feito para o Eterno? É a esfera alta, acima de toda altura, que nenhum pensamento consegue atingir. Lá, a tenda secreta do teu esplendor. Fundiste-a da prata da verdade. Do ouro da inteligência a revestiste. Estendeste a sua abóboda sobre as colunas da justiça. É do teu poder que ela tem a sua excelência. Emanada de ti, ela tende para ti, e és tu o termo de seu desejo.²⁰

²⁰ Ibn Gabirol, *A coroa da realeza* citado por Guinsburg; Ortiz, 1948, p. 55-58.



Mekor Haim – Fons Vitae – Fonte da Vida

Sua obra por excelência, escrita em árabe, é *A fonte da vida* (em hebraico, *Mekor Haim*), traduzida para o latim com o título de *Fons Vitae* pelo clérigo espanhol Domingo Gundislavo em 1150. Esse tratado filosófico influenciou os cabalistas e inspirou ao filósofo holandês descendente de judeus andaluzes, Baruch Spinoza (1632-1677).²¹ Sua essência filosófica era de que todas as substâncias, a exceção de Deus, são compostas de matéria e forma, mesmo as espirituais.

Fonte da Vida é escrito nos moldes da metafísica neoplatônica. Devido às aplicações das doutrinas emanatistas na teologia cristã, essa obra parece ter se afigurado contrário às convicções judaicas sobre Deus e a Criação, tais como formuladas nas Escrituras, e tenha por isso sofrido alguma condenação por parte da comunidade judaica da época, apesar de ter sido bem recebida pelos judeus neoplatônicos. A falta de reconhecimento no meio judaico também é presumida porque nela não há referências bíblicas ou talmúdicas, o que teria parecido, aos olhos da época, um desinteresse aparente pela filosofia da religião, que era o domínio por excelência da escolástica judaica na Idade Média, em que a corrente aristotélica se impusera. O rigor metafísico da linguagem seca – que soa estranho para um autor do tino de poeta que Ibn Gabirol era – e a forte obediência neoplatônica do pensamento, seriam responsáveis por um processo alienatório que, destruindo as possíveis conotações judaicas do escrito, determinou ao fim o inapelável ostracismo filosófico e literário em relação ao seu meio de origem. Daí porque não teria havido, durante a Idade Média até os tempos modernos, a tradução hebraica da Fonte da Vida.

Por outro lado, na escolástica cristã, *Mekor Haim* teve outra sorte. Traduzido para o latim por volta do ano de 1150, por Iohanan ibn Daud ou Joannes Avendehut Hispanis e pelo dominicano Gundissalino, teve grande repercussão nos séculos XIII e XIV, sob o título de *Fons Vitae*. Supunha-se que o autor fosse Avicebron ou Avencebrol, fum filósofo cristão ou árabe de período anterior, e até meados do século XIX ninguém suspeitou de que a obra tivesse sido escrita por um judeu e muito menos pelo famoso poeta e filósofo ibn Gabirol. Só em 1845, quando o pesquisador Salomão Munk descobriu os excertos hebraicos de *Mekor Haim* e provou, no seu livro intitulado *Mélanges de philosophie juive et arabe*, a identidade deles com *Fons Vitae* dos escolásticos, é que o erro se desfez, dando lugar ao reconhecimento do autor.²²

Em que pese a originalidade dos pontos de vista apresentados nesta obra, a maior originalidade dela está no vigor sistemático com que vai às derradeiras conclusões, do que propriamente nas inovações doutrinárias, e com isso esta obra ficou em pauta no debate escolástico. Exemplo disso é a polêmica entre franciscanos e dominicanos, na

²¹ Ben Ytzchak, 2005, p. 26-27.

²² Guinsburg, 1968; Macedo, 2012.



qual os primeiros, neoplatônicos e agostinianos,

interessados na doutrina da pluralidade das formas, do primado da vontade de Deus ou da capacidade da alma de ir do mundo sensível ao inteligível, tomavam a defesa da obra, enquanto os segundos, aristotélicos, como Alberto Magno ou Tomás de Aquino, atacando particularmente a concepção da matéria universal e da unidade das substâncias, condenavam-na como herética e sem consistência racional.²³

Já entre os judeus, se tivessem acolhido a obra na época, as divergências não teriam sido tão grandes. Isso porque,

afora os peripatéticos e os fundamentalistas rabínicos, os próprios neoplatônicos judeus, na medida em que estavam voltados menos para a indicação ontológica das formas das emanções do que para a fixação religiosa ou a apreensão mística dos conteúdos emanados, para as caracterizações atributivas das *sefirot*,²⁴ recuavam, como talvez tenham recuado, diante das implicações heterodoxas, panteístas, da metafísica hilemorfista de Ibn Gabirol.²⁵

Quanto ao judaísmo, Guinsburg assinala que em *A fonte da vida*, Ibn Gabirol apresenta uma ideia da criação que, em parte, ao conceber a Vontade que emana de um primeiro agente, se aproxima do Criador Bíblico, que cria o mundo a partir de sua Vontade. No entanto, se afasta da concepção judaica porque, após o primeiro ato volitivo, que atualiza as ideias de matéria e forma universais presentes no Seu intelecto, tudo se daria a partir de emanções, sem mais intervenções de Deus. Assim, Deus, inicialmente transcendente, torna-se imanente e, condizente com Sua essência, traz uma relação causal e certa determinação em sua liberdade, compondo, desse modo, as sequências de emanções.

A fonte da vida é dividida em cinco tratados que discorrem sobre o hilemorfismo universal, proposição em que toda a realidade criada por Deus é composta por matéria e forma. Cada tratado traz a demonstração da matéria e forma em algum nível de corporeidade ou espiritualidade – à exceção do terceiro tratado, que aborda os intermediários entre Deus e a corporeidade, que seriam as substâncias simples.²⁶

²³ Guinsburg, 1968, p. 331.

²⁴ *Sefirot*: em hebraico, emanções divinas que, conforma a Cabala judaica seriam 10, indo de *Keter*, a mais espiritual, até *Malkut*, a mais material, compondo a Árvore da Vida.

²⁵ Guinsburg, 1968, p. 331.

²⁶ Guinsburg, 1968; Macedo, 2012.



Macedo assinala que como para Ibn Gabirol tudo é matéria e forma, ainda que com diferença de graus de densidade, a tudo ele denomina *substância*.²⁷

De modo sintético, temos que os cinco tratados de *Fons Vitae* abordam: 1) critérios para se determinar matéria e forma universais e das substâncias compostas; 2) a substância universal da matéria revestida na forma corpórea; 3) sobre as substâncias simples, intermediárias entre a Essência Primeira, que é Deus, e a Sua Vontade como força criadora e o mundo corpóreo e sensível; 4) demonstração que essas substâncias também são compostas de matéria e forma; 5) sobre a matéria universal e a forma universal. Esses tratados evidenciam o modelo neoplatônico metafísico segundo o qual haveria uma sequência de emanações a partir de um princípio uno.²⁸ Seguem-se alguns trechos ilustrativos de *Fons Vitae*, tomo 2:

Método para chegar ao conhecimento

Visto que temos por objetivo o conhecimento, que sobe da extremidade inferior dos seres para a sua extremidade superior, e que tudo o que está na extremidade inferior vem da extremidade superior, é preciso que tudo o que encontramos na extremidade inferior nos sirva como elemento de comparação e prova do que está na extremidade superior, pois a parte inferior é imagem da parte superior de que ela emana...

Podemos, depois de ter compreendido a similitude que existe entre as duas extremidades, chegar, do que é visível, ao conhecimento do que é oculto.²⁹

O conhecimento de Deus

Quando tiveres um conhecimento sólido de tudo isso, tua alma se purificará e tua inteligência tornar-se-á clara e penetrará no mundo do intelecto, e tu abrangerás num olhar a universalidade da matéria e da forma. E a matéria, com tudo o que ela tem de formas, será como um livro aberto diante de ti. Olharás os sinais que estiverem escritos, contemplarás as figuras por meio do teu pensamento, e então esperarás o que há atrás de tudo isso.

O fim de tudo será o de conhecer o mundo da divindade, absolutamente grande, enquanto tudo o que fica cá em baixo, em comparação com aquele, é extremamente pequeno. A esse conhecimento sublime chega-se por um duplo caminho: Primeiro, pelo conhecimento da vontade que circunda a matéria e a forma, a saber, dessa faculdade superior que é pura de toda

²⁷ Macedo, 2012.

²⁸ Macedo, 2012.

²⁹ Ibn Gabirol, *A fonte da vida*, II, 12, citado por Guinsburg; Ortiz, 1948, p. 52-53.



mescla de matéria e forma. Mas, para chegar ao conhecimento dessa faculdade que é inteiramente distinta da matéria e da forma, é preciso a faculdade que é revestida de matéria e forma (o intelecto universal ou as substâncias simples em geral). É preciso subir com essa faculdade gradativamente, até chegar-se à sua origem e à sua fonte.

O fruto que se colhe desse trabalho está em escapar da morte e se apegar à Fonte da Vida.

Se me perguntas de que modo se chega à essa esperança sublime, é preciso, digo-te eu, que te separe das coisas sensíveis, que te aprofundes nas coisas inteligíveis, que te afeições àquele que comunica o bem. Se assim fizeres, ele inclinará o seu olhar para ti e farte-á o bem, porque é ele a fonte de todo benefício. Seja ele louvado e exaltado. Amen.³⁰

Seguem-se alguns trechos ilustrativos de *Fons Vitae*, tomo 3, sob forma de diálogo entre mestre e discípulo, que também nos remete às inspirações platônicas, várias delas apresentadas sob forma de diálogo, em que proposições racionais e analíticas são apresentadas:

Demonstração das Substâncias Simples

Discípulo: Qual é o problema que nos cumpre investigar neste pórtico?

Mestre: Como é nosso intuito determinar a matéria e a forma nas substâncias simples, e como objetaste a existência das substâncias simples, devemos considerar primeiro, e tal é o propósito deste pórtico, a prova da existência de substâncias simples, ou seja: procuraremos uma certeza comprovada de sua efetividade, estabelecendo sua existência por meio de provas necessárias. Em seguida procederemos a um exame da ciência de matéria e forma nas substâncias simples, como procedemos com respeito às substâncias compostas. Fá-lo-emos no quarto pórtico que segue este.

Começemos pelas provas demonstrativas de que entre o primeiro Fautor, sublime e santo, e a substância que sustenta as nove categorias, existe uma substância intermediária. Neste sentido, iremos colocar o seguinte princípio básico: Se a origem dos existentes é o primeiro Fautor, que não é causado, e o seu fim é o efeito final, que por sua vez não produz qualquer efeito, então

³⁰ Ibn Gabirol, *A fonte da vida*, II, 13-14, citado por Guinsburg; Ortiz, 1948, p. 52-53.



o começo das coisas é essencial e realmente diferente de sue fim, pois do contrário o começo seria o fim e o fim seria o começo.³¹

40. Tudo o que é percebido em ato numa coisa já estava em potência antes de passar ao ato. Ora, as formas que se encontram na substância composta nela estão em ato. Logo, já estavam em potência antes de passarem ao ato.³²

53. As formas corpóreas emanam das formas espirituais. Ora, tudo o que emana de alguma coisa é a imagem da coisa de que emana. Logo, as formas corpóreas são a imagem das formas espirituais.³³

Discípulo: Agora sei que as energias que emanam de cada uma das substâncias simples, embora sejam as energias a coisa da qual emanam e se irradiam, ainda são substâncias e substâncias limitadas, devido à própria virtude em si mesmas e porque outras energias delas promanam. Com isto dissipou-se a dúvida que eu tinha a este respeito. Mas explicai-me algo que me vem à mente, embora não se relacione à questão presente. Verifico que, quanto mais as substâncias simples descem, mais grossas e densas se tornam, até que se fazem corpóreas e finitas. Verifico similarmente que o mesmo sucede com as substâncias compostas, e verifico, enfim, que entre as substâncias algumas exercem uma ação mais evidente sobre as outras. Então pergunto: Como é possível que a potência divina se enfraqueça, transforme e materialize e que a ação do sagrado e primeiro Fator se torne mais patente em certas substâncias do que em outras, quando a potência divina é a causa final, a realização e a perfeição de todo poder e toda majestade?

Mestre: É impossível que a virtude divina se enfraqueça, mas no desejo que as atrai para ela, as virtudes se elevam e lançam uma sombra sobre o que lhes está embaixo.

Discípulo: Por que assim?

Mestre: Porque toda virtude emanada de uma coisa é mais forte na proximidade dela. É pois necessário que também a virtude

³¹ Ibn Gabirol, *A fonte da vida*, III citado por Guinsburg, 1968, p. 332- 333.

³² Ibn Gabirol, *A fonte da vida*, III citado por Guinsburg, 1968, p. 335.

³³ Ibn Gabirol, *A fonte da vida*, III citado por Guinsburg, 1968, p. 337.



emanada do sagrado e primeiro Fautor seja mais forte na sua cercania, em proporção à sua vizinhança, do que o é alhures e longe dele.³⁴

Poemas

Ibn Gabirol compunha poemas religiosos e profanos. Alguns dos poemas religiosos foram incorporados às orações até hoje proferidas pelos judeus.

Poema religioso

Noite

É noite.
Os céus cintilam, serenos de paz...
Qual puro coração
benignamente sorri a lua.
Oh! Livra do infortúnio tua abençoada beleza,
é o que te peço, com o mais terno amor.

Vê. Onde a Tormenta
distende o manto de nuvens,
uma cortina de cinza
velou a lua.

Sedenta,
a tempestade oprime as nuvens,
as nuvens estalam em torrentes.
O céu se veste de roupagem sombria,
a lua parece morta.
Seu sepulcro é a nuvem, além.
Sombras chorosas seguem-na,
como o povo, compungido,
chorando a morte da rainha.

Mas... olha! vê o relâmpago
como rasga as malhas apertadas da noite,
ao brandir de sua espada de fogo.
Ei-lo, flamante,
como um serafim conquistador.

³⁴ Ibn Gabirol, *A fonte da vida*, III *apud* Guinsburg, 1968, p. 341.



Ofuscadas pelo fulvo esplendor de suas asas,
em vôo rápido, como numa dança veloz,
as negras nuvens corvejantes
fogem amedrontadas.
Assim, meu coração.
Embora as algemas da escuridão acorrentem minha alma,
ele, o herói, parte indignado todas as cadeias³⁵.

Poema laico

As composições profanas sofreram forte influência da escola árabe, versando principalmente sobre o amor e a natureza, conforme ilustrado no poema *Canção da água*:

Canção da água

Quando o vinho acaba,
se entristece o meu olhar...
É como um fio d'água,
é como um fio d'água.

Ó garganta, como engolir o teu pão?
Ó paladar, como saborear o teu festim,
se a tua pobre taça está vazia de vinho?
Quando o vinho acaba,
se entristece o meu olhar...
É como um fio d'água,
É como um fio d'água.

Moisés fez bem, outrora,
Secando o mar para os nossos avós.
Mas ele fez muito melhor
Desencadeando as águas do abismo
Pra sufocar o Faraó.
Quando o vinho acaba,
se entristece o meu olhar...
É como um fio d'água,
é como um fio d'água.

Tornei-me amigo do sapo triste,
Coaxo com ele, com ele eu canto.

³⁵ Ibn Gabirol citado por Guinsburg; Ortiz, 1948, p. 54.



Onde encontrar um professor de música
menos idiota?
Ele conhece a canção da água:
Quando o vinho acaba,
se entristece o meu olhar...
É como um fio d'água,
é como um fio d'água³⁶.

Considerações finais

A característica neoplatônica de Ibn Gabirol se faz presente em *Mekor Haim* pela descrição poético-litúrgica e metodológica, que ele apresenta ao falar da relação de Deus e do homem na dinâmica da criação e na realidade criada. O mundo das ideias é o do conhecimento perfeito e divino, enquanto o mundo onde vivem os homens é o imperfeito, a partir do qual o homem deve ascender para se aproximar gradativamente do divino. No entanto, o mundo material seria um reflexo distorcido do mundo imaterial, em conformidade ao mito da caverna de Platão.

A diferença para com ele estaria na alusão a um Deus único, ao Deus de Abraão, enquanto em Platão não há tal alusão a esse caráter monoteísta, sendo puramente um exercício racional de explicação dos mundos.

Em *Mekor Haim* é possível perceber o reconhecimento de Ibn Gabirol a Aristóteles ao falar da relação ato-potência presente em todas as coisas – conforme consta no excerto do tomo III, acima ilustrado.³⁷ Mas dele se distancia ao enfatizar a essência presente nessas mesmas todas as coisas, como reflexo de uma emanção espiritual. A partir daí, passa a apresentar suas ideias em conformidade com a visão cabalística, hoje já bastante difundida das *sefirot*, na medida em que de cima (*Keter*) emana a força e a essência primordial que irá constituir gradativamente e por sobre véus “as outras substâncias simples e compostas”, nos dizeres de Gabirol, até o nível mais denso, *Malkut*, conforme descrito no tomo III de *A fonte da vida*, também acima ilustrado.³⁸ Vale destacar o estilo platônico de apresentação de ideias utilizado por Ibn Gabirol, qual seja, o do diálogo Mestre-discípulo, buscando o mestre explicar suas visões de mundo, bem como esclarecer as dúvidas do discípulo.

Algumas ideias presentes em *Mekor Haim* seriam também retomadas séculos depois na *Monadologia* de Leibniz, e por Baruch Spinoza, tal como a passagem abaixo mais uma vez ilustrada, na qual a ideia espinosiana de Deus imanente, presente em toda a natureza, já está apresentada:

³⁶ Ibn Gabirol citado por Guinsburg; Ortiz, 1948, p. 55.

³⁷ Ibn Gabirol, *A fonte da vida*, III citado por Guinsburg, 1968, p. 335.

³⁸ Ibn Gabirol, *A fonte da vida*, III citado por Guinsburg, 1968, p. 341.



55. As formas espirituais nas substâncias corpóreas estão unidas às substâncias espirituais. Ora, tudo o que está disperso em alguma coisa está unido próximo à sua origem. Logo, as substâncias espirituais são a origem das formas dispersas nas substâncias corpóreas.³⁹

O panteísmo aí presente não encontra, no entanto, acolhimento entre os judeus nem na época de Ibn Gabirol, nem na de Spinoza, fazendo com que este último chegasse mesmo a ser banido da comunidade judaica de sua época. Entretanto, *a posteriori*, as análises históricas permitem ver a continuidade que une pensadores judeus de todas as épocas.

Referências

BEN YTZCHAK, Meir. *Introdução à filosofia e o pensamento judeu*. Tradução: Ariela Suckewer de Najmanovich. Porto Alegre: Mekorot, 2005.

BEREZIN, Rifka (coord.). *Caminhos do povo judeu*. São Paulo: FIESP, 1982. v. 3.

BEREZIN, Rifka. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: Edusp, 1995.

GUINSBURG, Jacó; ORTIZ, Carlos. *Antologia judaica: era rabínica e moderna*. São Paulo: Rampa, 1948.

GUINSBURG, Jacó. *Do estudo e da oração: súmula do pensamento judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

GUINSBURG, Jacó. *Guia histórico da Literatura Hebraica: do período pós-bíblico à criação do Estado de Israel*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

JOHNSON, Paul. *História dos judeus*. Tradução: Henrique Mesquita e Jacob Volfzon Filho. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MACEDO, Cecília Cintra Cavaleiro de. Ibn Gabirol e a origem do mundo: apontamentos sobre a questão da unidade. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 35, p. 43-66 2012.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/trans/a/r957ZWbq4k8gyNrpPCNt3vJ/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 16 abr. 2025.

Enviado em: 16/04/2025

Aprovado em: 30/04/2025

³⁹ Ibn Gabirol, *A fonte da vida* III citado por Guinsburg, 1968, p. 337.